

Reflexos da I Grande Guerra nas causas de morte da população portuguesa – CÉLIA
LOPES e ANA LUÍSA SANTOS

*Centro de Investigação em Antropologia e Saúde, Departamento de Antropologia,
Universidade de Coimbra
lopesc03@gmail.com
alsantos@antrop.uc.pt*

O conturbado clima político, económico e social existente em Portugal no início do século XX repercutiu-se nas condições de vida e de saúde da população, agravadas pela eclosão da I Guerra Mundial. Os objectivos do presente trabalho consistem em avaliar as alterações da mortalidade no país nos anos que medeiam entre 1914 e 1919, comparativamente aos períodos imediatamente anteriores e posteriores. Serão particularmente enfatizadas as doenças infecciosas como a gripe, a sífilis e a tuberculose e a resposta institucional no que concerne aos cuidados com os vivos e enterramento das vítimas. A construção de sanatórios para tratamento e prevenção da tuberculose foi praticamente interrompida em 1910, pelo que faltaram estruturas hospitalares para acolher os cerca de 5.000 soldados do Corpo Expedicionário Português regressados doentes. Igualmente devastadora foi a mortalidade causada pela gripe pneumónica que vitimou cerca de 60.000 portugueses, provocando na região de Coimbra um aumento de cem por cento do número de mortes em 1918. Quanto às consequências acarretadas pela sífilis, os dados do Cemitério Municipal da Conchada revelam 28 casos de morte entre 1914 e 1919 enquanto nos 6 anos seguintes o número aumentou para 57. Estes aspectos serão ainda discutidos considerando o desenvolvimento da ciência, nomeadamente na área da medicina, operado no primeiro quartel do século XX, bem como outros reflexos da I Grande Guerra na saúde pública e nas causas de morte da população portuguesa.